

ROMEU PEREIRA DA SILVA

Gosto muito de andar na escola, por causa da brincadeira.

A senhora é que me amola, quando brinco na carteira

Tinha 9 anos de idade quando escreveu esta quadra que terá sido apenas a primeira de uma vida cheia de poesia. Poesia mas não só. Vida cheia de música, e de teatro, e de folclore, e de muito tempo dedicado aos amigos e à preservação da cultura popular e das tradições locais. Chama-se Romeu Pereira da Silva e nasceu em Vale do Paraíso no dia 26 de janeiro de 1931. Quem o conhece sabe bem que ainda hoje transborda criatividade, alegria de viver e boa disposição.

Aprendeu a técnica de fazer poemas, as sílabas tónicas e a arte das rimas, no livro da 3ª classe. E diga-se que chegou lá mais depressa do que a maioria das crianças do seu tempo, uma vez que transitou directamente da 1ª classe para a 3ª. Tal deve-se ao facto de que quando ingressou na escola já sabia ler, escrever e fazer contas. Assim, a professora dispensou de frequentar a 2ª, e viria a completar com natural facilidade o ensino primário. Uma imaginação bastante fértil aliada a um talento inato dava-lhe uma facilidade invulgar na montagem de histórias em forma de poema. E nem precisava de conceitos ou motivos muito rebuscados. O quotidiano das pessoas bastava-lhe como inspiração. A fama de poeta espalhou-se, e muita gente lhe pedia textos poéticos alusivos a efemérides ou às mais diversas ocasiões e celebrações.

Outra arte que o apaixonou desde cedo foi a música. Contava 13 anos de idade quando entrou para a tuna existente em Vale do Paraíso. As tunas eram nesta altura grupos muito importantes na animação das localidades mais pequenas, quer em eventos festivos quer nos bailes domingueiros. Romeu Pereira da Silva era rapaz de cordas, preferencialmente o castiço bandolim. Mas se fosse preciso também tocava viola, guitarra ou até violino. A participação na tuna terminou aos 17 anos, contudo manteve-se fiel até hoje ao seu querido bandolim, companheiro inseparável no contributo que dá ao mundo do folclore.

Numa época em que a maioria da população das zonas rurais se dedicava à agricultura, não deixa de ser curioso que a vida profissional lhe tenha aberto as portas da carreira de “guarda-fios” na companhia dos telefones da altura. Este homem tão comunicativo viu-se então a trabalhar nas telecomunicações. E aí fez todo o seu percurso, ao longo de 33 anos até se reformar. Uma carreira sempre em progresso, em que foi chefe de brigada e chegou, por fim, à categoria de monitor, responsável pela formação de novos guarda-fios.

Esta profissão tinha uma exigência que era, simultaneamente, problema e virtude. Com frequência era destacado para diferentes regiões de Portugal. Problema porque lhe roubava tempo para as actividades culturais em que se envolvia; virtude porque lhe permitiu conhecer praticamente todo o país, desde o Minho até ao Algarve.

Ainda no campo da música, recorda os anos 1960/61 como muito importantes na sua vida. Nesses anos fez parte da Orquestra Típica Scalabitana onde teve oportunidade de receber formação musical com o maestro Joaquim Luís Gomes, a quem deve os conhecimentos que tem a nível de composição.

Em 1964 abria-se o capítulo da representação, com a entrada para o grupo de teatro CDCR de Santarém. Seguiram-se bons e intensos anos de atuações em que pisou os palcos de praticamente todas as Casas do Povo do Distrito de Santarém com o programa cultural designado “Serões para Trabalhadores” promovido pela célebre FNAT – Federação Nacional para a Alegria no Trabalho. Em 1977, dirigiu toda a experiência adquirida e o amor pela sua terra natal para a reanimação do grupo de teatro amador de Vale do Paraíso. Este casamento durou quase 30 anos, até 2006, com muitas representações para lembrar. Além de outras, recordamos apenas algumas das peças escritas pelo próprio Romeu Pereira da Silva, “O caloteiro”, “As almas deste mundo” e “Afinal quem é o doido?”. E diga-se que tem uma outra chamada “O senhor dos aflitos”, escrita e à espera de subir à cena pela primeira vez.

Também no folclore são várias as décadas de participação ativa. Duas no Rancho Folclórico da Casa do Povo de Aveiras de Cima, e três – desde a fundação – do Rancho Folclórico Danças e Cantares de Vale do Paraíso. A sua prestação é bem conhecida: os acordes do bandolim e o seu dom da palavra. O que seria, por exemplo, do cortejo etnográfico da Festa do Vinho e das Adegas de Aveiras de Cima sem os quadros sempre bem dispostos do Sr. Romeu? Mas os seus contributos para a vida cultural da sua freguesia e do concelho não se ficam por aqui. Foi, igualmente, membro fundador da Associação Desportos e Recreio “O Paraíso”, onde integrava o grupo de teatro amador. E nova referência à música, porque pertenceu à formação de dois agrupamentos de música popular: o grupo “Voz do Paraíso” e o grupo típico “Girassol”. Este último, chegou a atuar em direto num programa de televisão.

Terminamos como começámos, com a poesia. Com a edição do Município de Azambuja, foi possível compilar em dois livros parte da sua obra: “Gritos da alma”, em 2005, e “Sonhos da vida”, em 2010. Em 2004, sentiu-se muito honrado quando uma professora do ensino básico o convidou para contar umas histórias que ajudassem os seus alunos a compreender a vida. Diz com a humildade de quem o conhece que fica surpreendido como a sua imaginação consegue transcender o talento e as capacidades que foi desenvolvendo.

O nosso homenageado rejeita méritos exagerados e resume a sua poesia numa frase:
“Estes versos não são meus, foram-me dados por Deus!”
Para receber a Medalha de Mérito Municipal Grau Ouro – 2013 do Município de Azambuja,
Sr. Romeu Pereira da Silva...